A NEGAÇÃO DO SAGRADO: UM ESTUDO SOBRE A INICIAÇÃO DO CANDOMBLÉ PELO UM OLHAR DE FORA

Estéfani Gonzaga da Silva[1]
Luana Moraes dos Santos[2]

RESUMO: Este artigo aborda, de forma breve, a negação do sagrado, resultante de um processo institucionalizado de preconceitos no âmbito religioso. A pesquisa tem como intuito descrever e compreender o sistema complexo e religioso do processo de iniciação no candomblé através da negação do sagrado na maneira como os adeptos se comportam e encaram adversidades frente ao amplo cenário religioso. Destaca-se a importância do sistema hierárquico que é constituído por etapas necessárias para a transmissão de conhecimento que ocorre através da transição de um grau religioso para o outro. O estudo está ancorado nos pressupostos de (KILEUY; OXAGUIÃ, 2009), (GOIS, 2013), (KOURYH, 2018), entre outros. A partir da aplicação do questionário do Google Forms que abordará o olhar de fora, ou seja, quem não é adepto do candomblé. Para tal, será utilizado o ritual de iniciação no candomblé como ponto de discussão da materialização da negação, enfatizando as origens do sagrado a partir de suas manifestações e expressões. Como também, a pluralidade demonstrada nas diferentes fases, concepções e vertentes existentes no processo de feitura de santo. Processo no qual o adepto passa por uma transição constituída de cerimônias e ritos que objetivam preparar física e espiritualmente o indivíduo para ingressar na comunidade religiosa, em especifico no cotidiano do terreiro, garantindo sua função/cargo no terreiro e sua expressividade identitária.

PALAVRAS-CHAVE: Hierarquia. Pluralidade. Religião.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O presente artigo abordará de maneira breve a negação do sagrado, tomando como base os elementos que demonstram traços de um processo institucionalizado no qual os preconceitos referentes ao âmbito religioso são manifestados através de uma rede complexa de negação. Para tal, será utilizado o processo de iniciação no candomblé

[1]Graduanda de Licenciatura em História na Universidade Estadual de Alagoas (UNEAL) Campus III – Palmeira dos Índios/AL; Membro do Grupo de Estudos sobre Patrimônio, identidade e memória (GEPIM); estefani-da-silva@hotmail.com
[2] Graduada em História na Universidade Estadual de Alagoas (UNEAL) Campus III – Palmeira dos Índios/AL; Membro do Grupo de Estudos sobre Patrimônio, identidade e memória (GEPIM); luamoraes512@gmail.com



também conhecido como Feitura de Santo, descrevendo assim, o processo e características particulares que podem exemplificar como os adeptos aplicam o desprendimento.

Visamos discutir e compreender como a negação do sagrado exerce um papel de importância na maneira como os adeptos se comportam e encaram adversidades frente ao amplo cenário religioso. Será destacado um pouco sobre o sistema hierárquico, que é constituído por etapas necessárias para a transmissão de conhecimento, esse ocorre através da transição de um grau religioso para o outro, como também, regulamenta a maneira dos adeptos organizarem seu comportamento e aprendizagem.

O trabalho está dividido em três tópico, o primeiro consistirá em uma historicização do Candomblé, passando pelo o Quebra de 1912 até a pluralidade demonstrada nas diferentes fases; concepções e vertentes existentes no processo de feitura de santo. O segundo terá como foco a discussão do processo de iniciação vivenciado em diferentes ambientes onde o indivíduo tem contato com conceitos e preconceitos.

O terceiro tópico utilizará gráficos com uma pequena estimativa de dados obtidos a partir da aplicação de um questionário do Google Forms que abordará o olhar de fora, ou seja, quem não é adepto do Candomblé. A fim de estimular a discussão e visualização do ritual de iniciação na religião como ponto de discussão da materialização da negação; enfatizando as origens do sagrado a partir de suas manifestações e expressões.

HISTORICIZANDO O SAGRADO: MANIFESTAÇÕES & EXPRESSÕES

As origens da religiosidade em território brasileiro têm suas raízes na colonização, com ênfase no tráfico externo e interno que contribuíram para a fusão de várias crenças sobre o mesmo aspecto comum da escravidão; consistindo em ações que culminaram na anulação ou negação de algumas particularidades das tribos africanas trazidas durante o período. Em território nacional e ‘estranho’ se formaram e se difundiram, promovendo as dessemelhanças existentes entre si.

A pluralidade evidente possibilitou e facilitou, além da fusão, o desenvolvimento em todo o território. A dispersão dos negros em território nacional ocorreu a partir das modificações e sucessivas transformações do país no viés econômico e político. O tráfico assegurou um espaço para a concentração de negros contribuindo para uma organização dos cultos religiosos de origem africana.

O ponto inicial da formação religiosa foi na Bahia, difundindo-se para outras regiões. As diferentes formas de expressão religiosa proporcionaram a diversidade de práticas e cultos de candomblés com distintas denominações. A assimilação e as designações desses cultos pela sociedade brasileira os tornam nacionais e não mais africanos, já que se formaram e se desenvolveram em território nacional.

É importante salientar que a unidade dos cultos de origem africana e as características comuns. Expressa-se nas noções e nas referentes práticas ritualísticas que as distinguem e ao mesmo tempo as aproximam a partir de um mesmo denominador comum de origem (CARNEIRO, 1954). As nações foram às distintas denominações dadas às tribos africanas para enfatizar os aspectos e práticas ritualísticas realizadas por cada uma, além de destacar a existência e importância da organização religiosa de cultos.

A multiplicidade está presente também nas nações que embasam a existência de diversos cultos, nos quais há semelhanças e particularidades. Por exemplo, a incorporação das divindades que está reservado apenas a alguns que necessitam submeter-se ao processo de iniciação que prepara o adepto para receber as suas entidades divinizadas e protetoras.[3]

Com a chegada dos portugueses é estabelecida a tentativa de reduzir a crenças dos nativos e africanos, a dominação e a ‘superioridade’ religiosa levam- os associarem as diferentes crenças ao mal e o preconceito e intolerância ganha espaço como uma consequência de uma assimilação cultural imposta. As diferentes formas de expressão religiosas são constituídas e estabelecidas pelo indivíduo e a crença pelo compartilhamento de práticas e pela não crença.

[3] Importante destacar que os conceitos e observações aqui são baseados na investigação sobre o Candomblé, sendo assim pouco será abordado sobre a umbanda.

Em um cenário complexo, permeado por relações que são influenciadas pelas religiões, ao associar princípios religiosos, cultura e identidade os indivíduos passam por uma transformação, onde pensamentos e noções são adaptados à realidade que expressará em ações individuais ou coletivas tudo que foi construído.

Lembrando que o campo da religião é permeado por noções que passam pelo sagrado e profano, certo/errado essas são constituintes de duas modalidades de ser no mundo duas situações existenciais assumidas pelo homem ao longo da sua história (ELIADE, 1992). O que movimenta a maneira de comportamento dos indivíduos durante toda a história brasileira.

No período colonial, os europeus, especificamente os portugueses promoveram a negação das crenças existentes no território e as distintas expressões foram alvos dos estabelecimentos das práticas salvacionistas impostas de diferentes formas. Um processo de expansão, dominação e conquista que atingiu de forma brusca e desumana o cenário cultural e religioso dos nativos e escravos trazidos forçadamente para o território brasileiro.

A missão catequizadora com seu aspecto doutrinário, visava difundir a fé cristã, como a verdade única e incontestável. Os diferentes modos de implementação salvacionista, universalista e doutrinário contribuíram para a negação do diferente e estabelecimento do preconceito religioso. É necessário destacar que os termos preconceito e intolerância, encontram-se interligados, apesar de possuírem dessemelhanças entre si.

A imposição religiosa tem início com a catequização dos negros, estabelecida ainda na África, os negros eram batizados e consequentemente perdiam sua identidade, pois novos nomes eram dados. No período da escravidão na constante prática lucrativa do tráfico além da perda da identidade pessoal eram separados de seus familiares e vendidos como mercadorias.

Dentre a pluralidade dos cultos existentes em território nacional, é necessário enfatizar a distinção entre o Candomblé e a Umbanda. Expressões religiosas que mesmo possuindo características semelhantes, expressam-se pelos seus aspectos

distintos pela desagregação enquanto unidades religiosas heterogêneas e estritamente relacionadas como o modelo de origem africana.

PLURALIDADE: INICIAÇÃO E PRECONCEITOS

Assim, ao abordar o sagrado é necessária atenção redobrada para analisar a maneira que as pessoas se comportam e compreendem sua religiosidade, levando em consideração a pluralidade, história e ancestralidade, pois são aspectos essenciais que constituem um sistema amplo e complexo. Tal cuidado desperta então a diversidade expressa em manifestações e nas diferentes práticas que são essenciais na preservação e, também, na continuidade da tradição religiosa.

É no processo de difusão que se identifica os espaços até então 'desconhecidos'. Esses motivam a reprodução de conceitos contraditórios e, até mesmo preconceitos, resultante em sua maioria do desconhecimento sobre a religião. Então é importante chamar atenção para a pluralidade expressa no candombe ou 'Candomblés' que exemplifica a existência de uma série de elementos importantes para o sentimento de respeito. Pois,

> O candomblé, apesar das modificações, não sofreu mudanças muito profundas nem radicais em suas tradições, seus dogmas e, principalmente, nos fundamentos deixados pelos nossos mais velhos. Suas modificações foram mais pragmáticas, no sentido de ter que se fazer aceitar em uma nova sociedade, procurando ambientar-se tanto na parte humana quanto na parte religiosa (KILEUY; OXAGUIÃ, 2009, p. 30).

Encontrando força na oralidade como meio de transmitir o conhecimento, que permite a formação identitária do adepto dentro da comunidade religiosa. Definindo os cargos e funções são devidamente estabelecidas sua entrada no espaço religioso que não somente exige obediência, mas comprometimento com as diversas atividades realizadas dentro de um terreiro (Local destinado à celebração de cultos afro-brasileiros.). A hierarquia existente e presente servem para promover a organização e funcionamento do espaço religioso.

As atuais nações servem para definir as distintas práticas ritualísticas e correspondiam às etnias africanas, além de preceitos e práticas as distinguirem, as nações sofrem influências entre si, contribuindo para a formação rica e ampla da comunidade Candomblecista. Proporcionando assim diferentes formas de enxergar o sagrado. A existência dos costumes, valores e crenças das distintas ramificações promoveram autonomia em suas práticas e contribuíram na preservação e difusão dos cultos das religiões afro-brasileiras.

O caráter hibrido das práticas expressadas no território brasileiro que são frutos de uma longa reprodução difundida através de manifestações ao longo dos processos socioculturais brasileiros. Possuindo estruturas ou práticas discretas, que existiam de forma separada e se combinavam para gerar novas estruturas, objetos e práticas, não mais puras, mas hibridas de caráter multifacetado (CANCLINI, 2013).

Os aspectos e elementos que caracterizam a cultura que é demarcada com influencias do poder sistemático da religiosidade e da estrutura hierárquica, permitindo ao adepto o avanço e também acesso ao conhecimento gradativo sobre a religião. Em seguida a aprendizagem de suas funções e práticas.

A inserção ou a inclusão do adepto dentro do âmbito religioso é marcado pelo Ritual de Iniciação no Candomblé ou Feitura de Santo, que simboliza e representa o nascimento na religião. É um rito de passagem e de formação que serve para diferenciar o iniciado dentro da religião, sua realização depende da nação, onde as práticas abrangem uma enorme variação das formas de se cultuar em cada terreiro.

O ritual que é marcado por uma série de cerimônias e ritos que servem para preparar tanto psicologicamente quanto fisicamente o adepto durante o processo de iniciação. A transição é permeada por abdicações e sacrifícios para ajudar na aproximação do indivíduo com o seu Orixá (entidade divinizada que corresponde a cada parte da natureza).

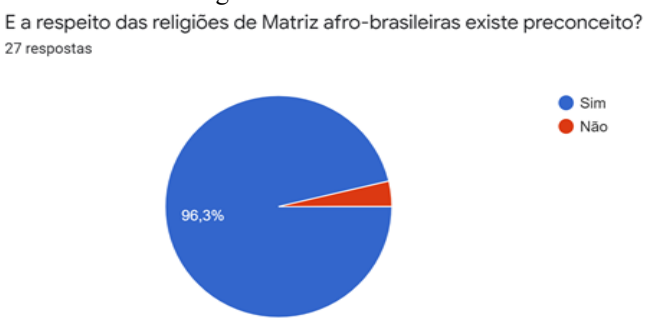
O indivíduo passa então por etapas que incluem total reclusão durante um período, acesso a ensinamentos que são transmitidos de forma gradual, regras e dogmas

que constituem a hierarquia religiosa. Os ensinamentos necessários para a compreensão e também para a sua participação cotidiana dentro da comunidade Candomblecista.

É justamente nesse momento que surgem questões como o preconceito e negação do sagrado por parte de não adeptos, a seguir os gráficos resultam da aplicação do questionário disponibilizado através da ferramenta WhatsApp para pessoas de idade entre 21 e 35 anos, residentes no município de Palmeira dos Índios e de diferentes religiões (Católica, Evangélica, Candomblecista e não religiosos) para analisar como é constituído o cenário local enquanto o pensar sobre preconceitos e religiões Afro-brasileiras[4].

Alguns questionamentos como se existe preconceito quando o assunto é as religiões de matriz afro-brasileiras, a variedade religiosa brasileira contribuiu para a construção de preconceitos e o papel da negação para o comportamento dos indivíduos serão os pontos para a discussão da pluralidade e iniciação no Candomblé. Quando a pergunta sobre a existência de preconceitos para com as religiões de matriz afro-brasileira as pessoas que se disponibilizaram a responder o questionário demonstraram um percentual afirmativo expressivo.

Gráfico 1 – Religiões Afro-brasileiras e o Preconceito



Fonte: Acervo das autoras, 2020.

Vale destacar que o percentual demonstrado exemplifica a visão de uma pequena parcela de 27 pessoas que residem no município e visualizam em seu cotidiano a existência de preconceito quando a assunto é essas religiões, consequentemente

[4] Por motivos metodológicos a análise desse estudo se concentra na religião do candomblé.

identificado por situações que podem ser de negação a descaracterização do sagrado presente nestas.

Não é segredo que o território nacional foi constituído por uma gritante diversidade, já que no processo histórico de formação territorial os povos que residiam no Brasil adaptaram seus costumes as situações de conflito e resistência. É dessa história que advém a variedade religiosa que por sua vez, contribui para a construção de um cenário plural e complexo.

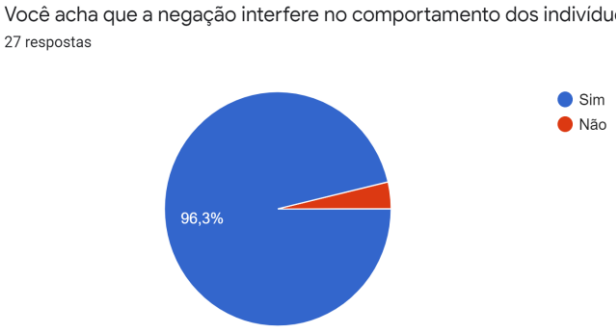
Gráfico 2 – Variedade religiosa e preconceitos



Fonte: Acervo das autoras, 2020.

O gráfico elucida que apesar da existente variedade religiosa brasileira movimentar o comportamento e maneira que as pessoas compreendem as religiões não é o principal ponto para o estabelecimento ou surgimento desses preconceitos o que não interfere na constituição da negação. Essa é encarada como um fator de grande papel e expressividade para o comportamento social.

Gráfico 3 - A negação interferindo no comportamento



Fonte: Acervo das autoras, 2020.

Logo, o próprio comportamento negacionista colabora na construção de uma contínua reprodução de velhas visões reducionistas do sagrado, frutos de um processo de construção social onde a normalidade comanda a ação de desrespeitar a religiosidade do outro através de atitudes como a taxação de macumba e até mesmo a diminuição da importância das religiões afro-brasileira.

REFLETINDO SOBRE A INICIAÇÃO: INDIVIDUOS E PERSPECTIVAS

Distintas manifestações religiosas podem ser encontradas no país e quando percorremos o complexo âmbito religioso, compreendemos que a religião como um fenômeno cultural, influencia e reflete no comportamento individual ou do grupo e são constituídas de ritos, e elementos que impossibilitam definir verdades absolutas. A intolerância religiosa surge durante o processo de colonização e consiste na impossibilidade ou dificuldade de aceitar ou conviver com a diversidade de crenças.

As religiões afro-brasileiras são as que mais sofrem com a discriminação em relação as suas práticas, apesar de todas as religiões possuírem suas particularidades e fundamentos. A não aceitação do diferente propicia um ambiente constituído de ideias e termos pejorativamente utilizados para reprimir e denegrir a crença e o sagrado do outro.

Em relação às religiões afro-brasileiras, os insultos alcançam proporções inimagináveis, podendo envolver violências verbal, física ou psicológica, além da destruição dos espaços religiosos e objetos sagrados. Essa questão pode ser expressa e compreendida através do movimento de perseguição religiosa aos cultos afro-brasileiros, denominado de “Quebra de Xangô”, que ocorreu em 1912, o que pode ser verificado é que os cultos de matriz africana continuam sendo marginalizados e perseguidos. O movimento é caracterizado pelo silêncio e repressão, mas pode ser expresso como símbolo de resistência e luta por parte dos adeptos da religião.

Por isso, o silêncio pode ser considerado resultado desse processo de produção de crenças, em que o esquecimento e desmemoria da Operação Xangô simboliza a manutenção da ordem dominante, compreendendo a perseguição não como

crime, mas como uma medida necessária para manter as crenças e padrões do discurso dominante (GUIMARÃES, 2013).

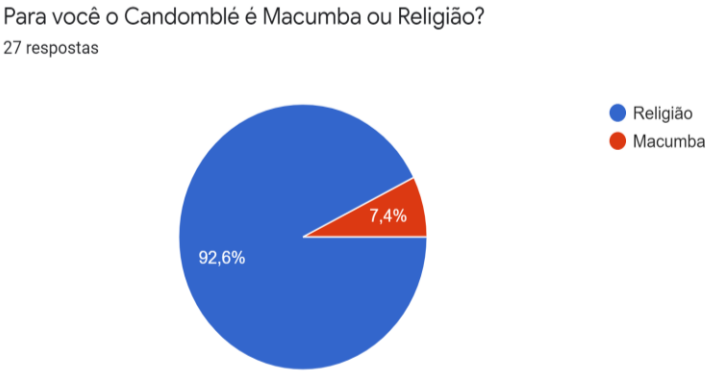
No processo e trajetória de formação da cultura e identidade do povo brasileiro é importante enfatizar que o Catolicismo era abrangente e predominante e sempre ocupou um lugar de destaque em relação aos demais cultos e crenças existentes no país. As ameaças e retaliação interligam os cultos de matriz africana ao episódio que silenciou durante muito tempo as práticas ritualísticas do sagrado.

O Quebra está associado à Euclides Malta que foi acusado de defender os terreiros alagoanos. A perseguição é motivada pela necessidade de atingir Malta e a repressão as chamadas casas de Xangô é marcada por violência e destruição que provocou a dispersão de muitos líderes religiosos. Os Babalorixás[5] e Ialorixás[6] que permaneceram optaram pela descrição de suas práticas ritualísticas que passou a ser denominada de "Xangô rezado baixo".

O silêncio nos terreiros representou uma forma expressiva de preservação, já que tinha sido atingido de forma tão violenta e repressiva, o movimento simbolizou a resistência discreta e silenciosa dos terreiros que continuam resistindo apesar da negação. Situação que foi fomentada pela atribuição de termos com intuito taxativo e depreciativos. No gráfico a seguir as respostas demonstram o reconhecimento do caráter sagrado.

Gráfico 4 – O Candomblé em discussão

[5] Termo utilizado para designar o Pai de santo que é um representante da primeira ordem hierárquica da religião Candomblé.
[6] Termo utilizado para designar a Mãe de santo que é um representante da primeira ordem hierárquica da religião Candomblé.



Fonte: Acervo das autoras, 2020.

Existe também, entretanto, a visão que visualiza de maneira taxativa, tal fato demonstra que a descontrução de preconceitos é um processo complexo possivel e desafiador. É importante mencionar também a diferenciação entre Candomblé e Umbanda, pois é outro ponto importante para romper os paradigmas.

Apesar de constituirem costumes e práticas semelhantes em alguns momentos o Candamblé e Umbanda não são uma única religião, a diferenciação inicia em sua fundação quando os negros africanos foram transportados para o país com o objetivo de integarem a mão de obra necessária a produção nacional, vieram e mantiveram sua cultura religiosa o Candomblé, por sua vez a Umbanda foi fundado em território nacional mesclando traços de diferentes religiões.

Esse é um assunto que desperta inumeros outras atribuições por hora foquemos apenas no fato de existir uma unicidade entre essas duas religiões que apresentam sim elementos semelhantes, contudo possuem suas particularidades. A seguir é possivel identificar que as respostas demonstram o conhecimento geral dessa diferença.

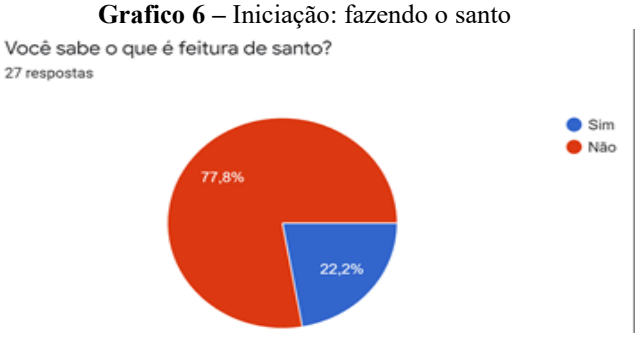
Gráfico 5 – Diferentes ou uma unidade



Fonte: Acervo das autoras, 2020.

Assim, é possivel entender como foi a trajetória das caracteristicas que apromoximam como também afastam o Candomblé e a Umbanda, essas são expressas nos ritos, preceitos e oferendas (PINHEIRO, 2016). Bem como, no comportamento dos adeptos que conhecem afundo as nações e preceitos/ensinamentos de cada uma delas. Destacando ainda que o processo de iniciação é diferente para cada adepto nas duas religiões mencionadas, aqui abordamos um pouco sobre a iniciação no Candomblé, assim no questionário uma das indagações era sobre a feitura de santo.

Grafico 6 – Iniciação: fazendo o santo



Fonte: Acervo das autoras, 2020.

Um processo detalhista que exige do adepto muita dedicação e comprometimento com a religião, permeado por elementos próprios e particulares a quem vivência o Candomblé, por isso é ainda pouco conhecido pela sociedade de maneira geral, fato expresso no gráfico. Aliás, é precisamente nesse fato que a história encontra a probabilidade de, através dessa pesquisa, contribuir para a divulgação de informações que permitam a mais pessoas refletir sobre as religiões e os preconceitos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho discutiu sobre a temática do sagrado, utilizando o Candomblé e o processo de iniciação para motivar a reflexão sobre como os preconceitos e conceitos pré-estabelecidos inseridos no cotidiano, de maneira velada. Muitas vezes contribuindo para a reprodução de termos taxativos e até mesmo refletindo para o comportamento agressivo frente as religiões de matriz afro-brasileiras.

Partiu de uma historicização do sagrado levando em consideração as manifestações e expressões no território nacional e em seguida abordou brevemente a pluralidade; os preconceitos introduzindo sobre o processo transitório da feitura de santo. Para só então analisar a visão do outro sobre o sagrado, utilizando agora o questionário.

A partir da aplicação do questionário visou demonstrar através de dados estimativos obtidos de maneira virtual e totalmente legal, visto que os indivíduos se disponibilizaram a responder os questionamentos, um pouco da visão do não praticante/adepto sobre o universo sagrado das religiões de matriz afro-brasileira; destacando em especial o Candomblé e seu processo de iniciação intitulado Feitura de Santo.

Por fim, é essencial chamar atenção para o fato de que o sagrado está em diferentes lugares de muitos estilos e cada indivíduo crer, expressa e identifica-se com ele a sua maneira. Assim, conhecer um pouco sobre o outro contribui para a desmistificação de alguns conceitos errôneos que foram historicamente reproduzidos, além de ajudar no processo de construção individual abordando o respeito como ponto chave, já que ao conhecer o outro se torna mais fácil respeita-lo.

REFERÊNCIAS

CANCLINI, Néstor García. **Culturas Híbridas:** estratégias para entrar e sair da modernidade. Tradução de Ana Regina Lessa e Heloísa Pezza Cintrão. São Paulo: EDUSP, 1997.

CARNEIRO, Edison. **Candomblés da Bahia.** Ilustrações de Caribé e Kantor. Edições de Ouro: Editora Tecnoprint S.A., 1954.

ELIADE, Mircea. **O sagrado e o profano.** Tradução Rogério Fernandes. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

GUIMARÃES, Andrea Letícia Carvalho. **"Quebra de Xangô":** A questão do 'outro' e a violência simbólica. In: XXII Encontro Nacional do CONPEDI. v. 1, 22 ed. Florianópolis: FUNJAB, 2013. p. 184-199.

KILEUY, Odé; OXAGUIÃ, Vera de. **O candomblé bem explicado:** Nações Bantu, Iorubá e Fon. In: O candomblé bem explicado: Nações Bantu, Iorubá e Fon (org.) Marcelo Barros. Rio De Janeiro: Pallas, 2009.

PINHEIRO, Amanda Sotero. **A intolerância religiosa e as religiões Afro-brasileiras.** Monografia de bacharelado interdisciplinar em Ciências Humanas na Universidade Estadual de Juiz de Fora, 2016.

RAFAEL, Ulisses Neves. **Xangô rezado baixo:** religião e política na primeira república. São Cristóvão: Editora UFS, 2012.

KOURYH, Jussara Rocha. **Em nome do Pai:** a negação de crenças. Prefácio Dra. Zuleica Dantas Pereira Campos. Recife: Bagaço, 2018.